



Estácio

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MÔNICA CRISTINE SCHWARZWALD

**DESENVOLVIMENTO DA HARMONIA ENTRE OS INDIVÍDUOS E NO
SEU CONVÍVIO COM A NATUREZA
UM PARALELO ENTRE A *ÉTICA* DE BENTO DE ESPINOSA, A
FILOSOFIA ORIENTAL E A TEORIA QUÂNTICA**

**BRASÍLIA
2016**

MÔNICA CRISTINE SCHWARZWALD

**DESENVOLVIMENTO DA HARMONIA ENTRE OS INDIVÍDUOS E NO
SEU CONVÍVIO COM A NATUREZA
UM PARALELO ENTRE A *ÉTICA* DE BENTO DE ESPINOSA, A
FILOSOFIA ORIENTAL E A TEORIA QUÂNTICA**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como requisito para
aprovação no curso de pós-
graduação em Filosofia da Estácio
de Sá, sob orientação do Professor
Emerson Ferreira da Rocha

**BRASÍLIA
2016**

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ
MÔNICA CRISTINE SCHWARZWALD

**DESENVOLVIMENTO DA HARMONIA ENTRE OS INDIVÍDUOS E
NO SEU CONVÍVIO COM A NATUREZA
UM PARALELO ENTRE A ÉTICA DE BENTO DE ESPINOSA, A
FILOSOFIA ORIENTAL E A TEORIA QUÂNTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Faculdade de Educação da Universidade
Estácio de Sá como requisito do Curso de Pós-
graduação *lato sensu* de Filosofia.

Orientador: Professor Emerson Ferreira da
Rocha

BRASÍLIA

**DESENVOLVIMENTO DA HARMONIA ENTRE OS INDIVÍDUOS E NO SEU
CONVÍVIO COM A NATUREZA
UM PARALELO ENTRE A ÉTICA DE BENTO DE ESPINOSA, A FILOSOFIA
ORIENTAL E A TEORIA QUÂNTICA**

• RESUMO : Após quase 400 anos de tentativa do ser humano em controlar a Natureza negando sua harmonia e perfeição, ele se dirige ao caos. A evolução da ciência mecanicista contribuiu para este caos que nada mais é do que a degeneração do relacionamento entre o ser humano e a Natureza. A visão dualista e pragmática do mundo promovida pelos precursores do Iluminismo insuflou o ser humano de um pseudo-poder na esfera da racionalidade onde ele pode prever e explicar todos os fenômenos que ocorrem na Natureza. A separatividade entre o Homem e Deus; ou Homem e a Natureza causa consequências que ameaçam o equilíbrio e a harmonia da vida na Terra. Conflitos diversos, doenças (físicas, mentais e emocionais), extinção de espécies, desmatamento e poluição são sintomas da conduta individualista do homem contemporâneo que acredita na desconexão promovida pelo materialismo. A descoberta dos níveis sutis da matéria com o advento da ciência quântica a partir do começo do século XX causou uma revolução científica cujos valores promovem uma aproximação entre ciência e espiritualidade. O comportamento do *quantum* – menor partícula subatômica da matéria – depende da interação do observador. A teoria quântica demonstra a interconexão entre Deus, seus atributos e seus modos, que foi definido como **substância** por Bento de Espinosa. Espinosa foi o primeiro pensador a prever a existência do *quantum*: ele o chamou de substância e o definiu como indivisível. A teoria quântica traz à tona valores expostos pela *Ética* de Espinosa começando pela definição de Deus como substância que gera e está presente em todos os atributos encontrados na Natureza à maneira da hierarquia entrelaçada da física quântica. O pensamento é uma extensão da substância, não um produto causado pelo cérebro, por exemplo. Estes são os paralelos e sincronicidades que pretendo expor e comentar neste trabalho.

• PALAVRAS-CHAVE: Espinosa, Filosofia, Ciência, Deus, Natureza, Teoria Quântica, Novos Paradigmas, Revolução Científica;

DEVELOPMENT OF HARMONY BETWEEN INDIVIDUALS AND ITS
CONVIVIALITY WITH THE NATURE
A PARALLEL BETWEEN *ETHICS* OF BENTO DE ESPINOSA, EASTERN
PHILOSOPHY AND QUANTUM THEORY

After nearly 400 years of humanity's attempt to control the nature by denying its harmony and perfection, we have reached chaos. The development of mechanistic science contributed to this chaos that is nothing less than the degeneration of the relationship between human beings and Nature. The dualistic vision and pragmatic world promoted by forerunners of the Illuminism suggested an illusion of a power in the field of rationality where mankind can predict and explain all phenomena that occur in nature. The division between mankind and God, or man and nature, cause consequences that threaten the balance and harmony of life on Earth. Several conflicts, diseases (physical, mental and emotional), species extinction, deforestation and pollution are symptoms of the individualistic behaviour of mankind who believes in disconnection fostered by materialism. The discovery of subtle levels of matter, i.e. the quantum science from the beginning of the 20th century, caused a scientific revolution whose values promote a reconciliation between science and spirituality. The behavior of quantum - smallest subatomic particle of matter – depends on the interaction of the observer. Quantum theory demonstrates the interconnection between God, his attributes and his manner that was defined as a substance for Espinosa. Bento de Espinosa was the first philosopher to predict the existence of quantum: which he called substance and defined it as indivisible. Quantum theory brings up values given by Spinoza's work called *Ethics* starting with the definition of God as a substance that generates and is present in all attributes found in nature in the manner of tangled hierarchy of quantum physics. The idea that thought is an extension of the substance, not a product caused by the brain, is one example of quantum theory. These are the parallel and synchronicities that I intend to expose and comment on this work.

• KEYWORDS : Espinosa, Philosophy, Science, God, Nature, Quantum Theory, New Paradigms, Scientific Revolution.

• SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. Introdução..... | 07 |
| 2. Monismo..... | 09 |
| 2.1 A Substância de Espinosa como Ondas e Partículas..... | 12 |
| 2.2 Atributos ou Arquétipos..... | 13 |
| 2.3 Modos, sombras ou cópias..... | 14 |
| 3. Intelecto Supramental..... | 15 |
| 3.1 <i>Conatus</i> | 15 |
| 3.2 Ciência intuitiva..... | 16 |
| 4. A Prática da Virtude..... | 19 |
| 4.1 A Alegria..... | 20 |
| 4.2 A Alegria na Educação..... | 21 |
| 4.3 A Alegria na Saúde..... | 23 |
| 5. Considerações Finais..... | 24 |
| 6. Bibliografia..... | 26 |

1. Introdução

Conflitos diversos; terrorismo; a crescente violência que já foi apelidada até como “cultura” do estupro no Brasil; a destruição sistemática dos recursos naturais que está causando e acelerando o desmatamento e alimentando a crise ecológica com seu desequilíbrio climático; a fome e a desnutrição; o crescente aparecimento de doenças auto-imunes agressivas e outros inúmeros fatos divulgados diariamente pelos meios de comunicação são evidências de que a Humanidade encaminha-se a passos largos para o caos.

O controle e a exploração da Natureza defendidos por Francis Bacon ajudaram a promover esta situação vigente que pode ter indescritíveis resultados quando, segundo projeções do United Nations World Population Prospects, o número de habitantes atingir o número aproximado de 10 bilhões em 2050. O papel de explorador, pesquisador e observador desconectado e indiferente ao equilíbrio ecológico tornou o ser humano indiferente ao desequilíbrio repercutido na Natureza, o que originou todas as situações caóticas e calamitosas que a Humanidade está vivenciando nos dias atuais como a poluição e a fome, por exemplo.

Os conflitos e a violência poderão se tornar mais brutais quando, inevitavelmente, os recursos naturais limitados como a água potável se tornarem escassos. A bacia amazônica, caso resista às mudanças climáticas prejudiciais ao seu manancial hídrico, poderá se tornar alvo de governos mais beligerantes a exemplo do que ocorre no Oriente Médio desde a década de 90 por causa do petróleo.

Já existem iniciativas construtivas de poucos mas resistentes grupos que promovem fontes sustentáveis de energia e sistemas como a permacultura e a agrofloresta. A energia solar e a eólica são comprovadamente eficientes na substituição dos atuais sistemas de produção de energia que degradam a Natureza e seus recursos. No entanto, o pouco interesse e o investimento irrisório nestas alternativas demonstrados pelos líderes mundiais revelam a renitente conduta separatista e materialista do ser humano, que visa principalmente o lucro exorbitante, a sede de poder e a indiferença quanto a qualquer outra criatura.

Esta é a realidade incontestável da relação destrutiva entre os seres humanos e deles com a Natureza. No entanto, o aparente embotamento de grande parte da Humanidade que se dirige rumo ao precipício auto-destrutivo reflete 400 anos de submissão ao determinismo mecanicista de Descartes, cujo racionalismo predomina até hoje nos meios científicos. Notícias diárias revelando uma realidade cada vez mais apocalíptica não ressoam nas mentes de grande parte da população que ainda julga a Natureza um lugar distante e bucólico para onde os habitantes urbanos correm para refugiar-se nos finais de semana depois do trabalho diário e extenuante. Não ocorre ao ser humano que a Natureza não só faz parte de sua realidade diária como também ele é parte intrínseca desta Natureza.

Diante disto, faz-se necessária e urgente a mudança profunda de paradigmas científicos e filosóficos a partir da Nova Revolução Científica iniciada por Max Planck com sua descoberta da divisão do átomo e do comportamento das partículas subatômicas que contrapõe o determinismo mecanicista cartesiano. Esta descoberta deu ensejo não só a pensadores e cientistas como Amit Goswami, David Bohm, Carl Friedrich Von Weizäcker, Fritjof Capra, Rupert Sheldrake que expuseram novas condutas harmônicas entre a Humanidade e a Natureza de acordo com a teoria quântica, mas também dirige a atenção a Bento de Espinosa e sua *Ética*, obra singular e profética enquanto demonstra e sistematiza estas mesmas condutas.

Tanto os cientistas quânticos dos séculos XX e XXI quanto Espinosa do século XVII aproximam-se dos ensinamentos espirituais monistas do Taoísmo e do panteísmo hinduísta. Estas tradições orientais são o substrato para o envolvimento da Ciência com o comprometimento da harmonia da vida na Terra, pois explicam em sua linguagem espiritualista o entrelaçamento hierárquico entre o ser humano e a Natureza ou Deus.

2. Monismo

Bento de Espinosa (1675) chamou de **substância** a base de tudo aquilo que existe. Esta substância “existe em si e por si é concebida” ; “À natureza da substância pertence o existir.” Atribuindo infinitude e indivisibilidade à substância no Livro I de *Ética*, ele a chamou de Deus : “Deus, ou, por outras palavras, a substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente.”

A existência é causada pela potência essencial de Deus: “Tudo o que existe, existe em Deus e sem Deus nada pode existir nem ser concebido.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed. p.89).

A ideia de que a existência depende de uma substância única, infinita e indivisível já fazia parte dos ensinamentos herméticos, ou seja, daqueles cuja autoria é atribuída a Hermes de Trimegistro, filósofo, legislador e alquimista egípcio que seria contemporâneo de Moisés do Antigo Testamento bíblico: “O Todo é Mente; o Universo é Mental.” (*Caibalion*). Heráclito também admitia uma **substância primordial** : “o fogo primordial é ao mesmo tempo o divino, e que uma parte do mesmo encontra-se a alma humana.” (STÖRIG, 1999, 17ª ed., p.110).

De acordo com a filosofia oriental hinduísta, a essência de Deus é a mesma do ser humano: “(...) existe uma única verdadeira essência no mundo, que percebida a partir da totalidade do universo chama-se Brahman e reconhecida nos seres individuais chama-se Atman. O universo é Brahman; Brahman é porém Atman em nós.” (STÖRIG, 1999, 17ª ed., p.26-27).

No entanto, com a evolução da ciência e da tecnologia na Europa a partir do heliocentrismo de Nicolau Copérnico e das grandes navegações que ajudaram a impor o domínio e quase extermínio de populações não avançadas tecnologicamente como as raças indígenas das Américas e as africanas que foram barbaramente escravizadas, surgiram novos paradigmas para o conhecimento científico, em particular, as filosofias de Francis Bacon e René Descartes do século XVII.

Para Francis Bacon “a ciência é conhecimento do mundo e intervenção sobre ele.” Ora, a descoberta do heliocentrismo destaca o conhecimento empírico e científico e a Terra passou a ser apenas um dos planetas em trânsito em torno do Sol, perdendo sua conexão com o divino e o sagrado. Em outras palavras, a Natureza inerente ao nosso planeta e morada sujeitou-se à superioridade do conhecimento científico humano, assim como os povos colonizados e escravizados tiveram que submeter-se à supremacia do conhecimento científico dos povos mais avançados: “Bacon cunhou o *slogan* ideal para angariar apoio financeiro de governos investidores: 'Conhecimento é poder.’” Conforme Bacon, “ o homem, visando o progresso científico, deve dominar a Natureza e criar a partir de seus princípios.” (O pensamento de Descartes, Bacon, Hume e Espinosa, p. 4)

Apesar das divergências metodológicas, Bacon e Descartes convergem no dualismo **sujeito x objeto** e na precedência do sujeito em relação ao objeto.

O dualismo cartesiano considera o pensamento independente do corpo e valoriza a **demonstração intelectual** em detrimento da **percepção dos sentidos**. Esta separação entre mente e corpo, a partir destas novas teorias científicas, deu origem ao caos que vivenciamos hoje com a continuidade da hierarquia linear dos exploradores e explorados. O ser humano deixou de fazer parte intrínseca da Natureza, pois a mente seria um recurso exclusivo do ser humano e, de acordo com o pensamento cartesiano, superior à matéria e destacado da mesma.

Infelizmente, esta teoria reinou soberana nos meios científicos até o século XX. Um dos fundadores da ciência mecanicista no século XVII, Sir Isaac Newton, chegou a afirmar que o Universo era uma máquina inteligente, porém inanimada.

A ciência mecanicista, por si só, não dá razão para supor que a vida tenha alguma finalidade, que a humanidade tenha algum propósito ou que o progresso seja inevitável. Pelo contrário, ela afirma que o universo não tem nenhum propósito e, conseqüentemente, nem a vida humana.(SHELDRAKE, 2012, 1ª ed., p.32).

O distanciamento entre a ciência e a espiritualidade unido ao ceticismo herdado do dualismo cartesiano fortaleceram conseqüentemente o materialismo dos séculos XVIII e XIX que “foi estreitamente associado à ascensão do ateísmo na Europa, possui uma descrição fidedigna do filósofo Bertrand Russel:”

Que o homem é o produto de causas que não tinham previsão do fim que estavam atingindo; que sua origem, seu crescimento, suas esperanças e temores, seus amores e suas crenças nada mais são que o resultado de colisões acidentais de átomos; que nenhuma chama, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar a vida de um indivíduo além do túmulo; que a labuta de todas as eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilhantismo da genialidade humana estão fadados a extinguir-se na vasta morte do sistema solar; e que todo o templo das realizações do ser humano deve ser inevitavelmente enterrado sob os escombros de um universo em ruínas – todas essas coisas, mesmo que não sejam incontestáveis, são praticamente tão certas que nenhuma filosofia que as rejeite pode ter esperanças de sobreviver. Somente sobre o alicerce dessas verdades, sobre a base firme do desespero implacável poderá ser erguida a habitação da alma. (SHELDRAKE, 2012, 1ª ed., p.30).

Apenas no começo do século XX com a descoberta do *quantum*, menor partícula da matéria, pelo físico Max Planck, o determinismo mecanicista e o dualismo cartesiano começam a cair por terra. O *quantum* exhibe um

comportamento completamente diferente daquele ensinado pela física newtoniana que intriga a tradição científica, mas vai ao encontro da teoria espinoziana e da filosofia oriental.

A Física, como ciência sistematizada, teve início com a Escola de Thales de Mileto “numa cultura onde a ciência, a filosofia e a religião não estavam separadas” (CAPRA, 1975, 1ª ed., p.23), ou seja, não havia distinção entre o espírito e a matéria. Compreendendo os paralelos entre os ensinamentos tradicionais de sua família brahmane e os novos paradigmas da Física inaugurada por Planck no começo do século XX, o físico indiano PhD Amit Goswami desenvolveu o Ativismo Quântico: “Princípios da física quântica aplicados à melhoria da qualidade de vida humana e sua relação com a Natureza ou o Mundo” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.3) .

A física quântica inaugurada em 1900 pelo físico alemão Max Planck demonstra que, além da divisibilidade atômica, a matéria pode se comportar como ondas de energia onde existem possibilidades e incertezas. Em outras palavras, o mecanicismo e o determinismo da física clássica ou newtoniana não são aplicáveis em níveis sutis da matéria.

Mais tarde, o físico dinamarquês Niels Bohr descobriu que este movimento de partículas subatômicas é descontínuo, ou seja, elas se deslocam de uma órbita a outra do átomo sem traçar nenhum caminho aparente. Esta **estranheza** captada pelos cientistas materialistas não foi explicada até hoje, levando muitos teóricos a acreditar na existência de outras dimensões que transcendem o mundo imanente.

Outro físico teórico, Werner Heisenberg, concluiu entre 1925 e 1926, que os objetos quânticos são ondas de possibilidade que permanecem em um estado de *potentia* transcendente, ou seja, estes objetos transcendem as dimensões do tempo e espaço só se tornando reais quando os observamos. Na medição da física quântica, o agente medidor ou o observador do fenômeno que está sendo mensurado é parte intrínseca do fenômeno como um todo. Ele não está abstraído daquele momento em que ocorre o fenômeno conforme a tradição cartesiana do dualismo **sujeito x objeto**. Em outras palavras, o observador (sujeito) pode causar a mudança no fenômeno (objeto) **colapsando a realidade**. Não existe determinismo na física quântica e, qualquer observador consciente ou presente na experiência pode alterar o resultado e criar uma realidade de acordo com seu ponto de vista.

“O observador e o observado são aspectos imersos e interpenetrados de uma realidade completa, que é indivisível e incomensurável.” (BOHM, 1980, 1ª ed., p.25).

Estes novos paradigmas trazidos pela física quântica deram ensejo para escritores e pesquisadores científicos como Fritjof Capra, Rupert Sheldrake, Weizäcker e até mesmo o supracitado Amit Goswami elaborarem mais recentemente uma série de teorias que aproximam a ciência da espiritualidade.

2.1 A Substância de Espinosa como Ondas e Partículas

Espinosa parte de um axioma para explicar a existência de sua substância: “Tudo o que existe, existe em si ou noutra coisa.” (Axioma I, Parte I) “À natureza da substância pertence o existir.” “Só pode existir uma substância.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.77).

A existência desta substância é anterior às afecções, modos e atributos, ou seja, além de infinita, ela é a causa primordial de todas as outras coisas que existem. Desta forma, Espinosa também define Deus.

O comportamento do *quantum* enquanto ondas de possibilidade também não é delimitado pelas dimensões tempo e espaço e existe em todas as estruturas atômicas, ou seja, está presente em todo o universo.

De acordo com Goswami, podemos definir como propriedades quânticas:

- A propriedade de onda: um objeto quântico (como um elétron) pode estar, no mesmo instante, em mais de um lugar;
- O colapso de onda: não podemos dizer que um objeto quântico se manifeste na realidade comum espaço-tempo até que o observemos como uma partícula;
- O salto quântico: um objeto quântico deixa de existir aqui e simultaneamente passa a existir ali, e não podemos dizer que ele passou através do espaço interveniente;
- Ação quântica à distância: a manifestação de um objeto quântico, ocasionada por nossa observação, influencia simultaneamente seu objeto gêmeo correlato – pouco importando a distância que os separa. (GOSWAMI, 1993, 2ª ed., p.27).

Espinosa também intuiu as propriedades de onda de possibilidades quântica na Proposição IX, Parte I: “Quanto mais realidade ou ser uma coisa tem, tanto mais atributos lhe são próprios.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.83). Esta realidade espinoseana pode ser definida a partir da observação da onda quântica até que ela se manifeste como partícula.

2.2 Atributos ou Arquétipos

Conforme Espinosa, na definição IV da Parte I de *Ética*, “por atributo entendo o que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.76).

De acordo com o professor Roberto Leon Ponczek, este

intelecto não poderia ser tão somente o intelecto humano, pois se assim fosse apenas dois deles existiriam, justamente aqueles que percebemos, extensão e pensamento, e desta forma a mente humana estaria limitando a substância a esses dois atributos, o que levaria todo sistema lógico à contradição. Mas então qual é o intelecto que percebe a substância constituindo a sua essência? (PONCZEK, 2009, 1ª ed., p.71).

Este intelecto é o que alguns estudiosos dos sistemas espirituais orientais costumam chamar de intelecto supramental ou intuição, ou seja, aquilo que se processa como um colapso descontínuo não local. Costuma-se chamar isto popularmente de *insight*: Foi por isto que Einstein disse: “Não descobri a relatividade apenas com o pensamento racional.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.76)

Espinosa começa a desenvolver o conceito de atributo na Proposição X, Parte I: “Cada atributo de uma substância deve ser concebido por si.”; e em seu escólio correspondente :“(...)nada há de mais claro na Natureza do que ter de se conceber cada ente sob algum atributo e que quanto mais realidade ou existência o ente tiver tanto mais atributos ele terá (...)”(ESPINOSA, 1991, 5ª ed, p.84). Na proposição XI, ele defende a infinitude e a eternidade dos atributos em sua correlação com a substância: “Deus, ou, por outras palavras, a substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita existe necessariamente.”(ESPINOSA, 1991, 5ª ed, p.85).

A partir daí começa-se a perceber uma afinidade entre os conceitos de atributo e de arquétipo, cuja definição platônica foi revitalizada pelo psicólogo analítico Carl Gustav Jung: “Platão confere um valor extraordinariamente elevado aos arquétipos como ideias metafísicas, em relação aos quais as coisas reais se comportam meramente como imitações, cópias.” (JUNG, 1971, 1ª ed., p.71). Pode-se perceber exatamente o que Platão quis dizer com arquétipo na sua Alegoria da Caverna se inserirmos na mesma as definições da *Ética* de Espinosa. A luz exterior, o sol, simbolizaria a substância espinoseana, infinita, eterna, essencial e potencial. Os seres ou coisas que se interpõem entre a luz de uma fogueira e o observador projetando sombras no fundo da caverna seriam os arquétipos ou atributos. Arquétipos, portanto, são estes modelos ideais ou metafísicos que são concebidos por si a partir da

mesma essência (sol – luz – substância) e que projetam sombras ou imitações que podem ser comparadas aos modos espinoseanos. Este mundo arquetípico é acessado quando o intelecto comum (extensão e pensamento) é abandonado e interrompido e, a exemplo de Einstein, atinge-se o intelecto supramental. Aí sim, pode-se reconhecer os atributos e não apenas suas sombras ou imitações.

Todos os arquétipos ou atributos se originam da mesma substância: Proposição XII, Parte I: “Não pode conceber-se, verdadeiramente, qualquer atributo da substância do qual resulte que a substância pode ser dividida.” (ESPINOSA, 1991. 5ª ed., p.87).

Os paralelos entre a substância espinoseana, a energia quântica (*quantum*) e suas propriedades citadas no item 2.1 torna o monismo incontestável.

2.3 Modos, sombras ou cópias

Por definição da *Ética* de Espinosa: “Por modo entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido.” (ESPINOSA, 1991. 5ª ed., p.76). As afecções fazem parte do mundo das partículas, ou seja, das manifestações materiais e não mais das ondas de possibilidade quânticas. O pensamento monista de Espinosa coloca Deus como substância e *potentia* essencial de todas as coisas na Proposição XXV, Parte I: “Deus não é somente causa eficiente da existência de todas as coisas, mas também da essência delas”. (ESPINOSA, 1991. 5ª ed., p.102). Em sua visão monista, panteísta e quântica, Espinosa mostra total inconformismo com o egocentrismo e a dualidade da mente humana: “os homens supõem comumente que todas as coisas da Natureza agem em consideração de um fim (...) dizem que Deus fez todas as coisas em consideração do homem.” (ESPINOSA, 1991. 5ª ed., p.119). O filósofo define esta suposição humana como preconceito:

“(...) por que quase toda a gente dá aquiescência a tal preconceito.(...) como daí nasceram prejuízos acerca do bem e do mal, do mérito e do pecado, do louvor e do vitupério, da ordem e da confusão (...)”, Proposição XXXVI, apêndice. “Depois de se terem persuadido de que tudo o que acontece acontece em vista deles, os homens foram levados a julgar que o principal, fosse no que fosse, é o que tem por mais útil e a darem apreço como mais prestante ao que mais agradavelmente os afetasse. Daí o serem obrigados a formar noções com que explicassem a natureza das coisas, tais como Bem, Mal, Ordem, Confusão, Quente, Frio (...)” (ESPINOSA, 1991. 5ª ed., p.119).

O ser humano colapsando a realidade conforme seus valores ou afetos deturpados, ignorantes e ilusórios instituiu um mundo caótico, usando a Natureza conforme seu paradigma separatista e acreditando ter direitos irrefutáveis sobre todos os modos da Natureza ou sobre todas as coisas de Deus: “Aparentemente, estamos presos entre a visão dualista entre o bem e o mal de Deus e da espiritualidade, postulada pelo fundamentalista cristão, e a visão sem significado e sem valores da realidade alimentada pelo cientista médio.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.47).

3. Intelecto Supramental

3.1 *Conatus*

Conatus é uma palavra latina que significa literalmente **esforço**. Espinosa a utilizou para definir o apetite físico e o desejo mental, principais esforços utilizados na sobrevivência humana: “Afecções e afetos exprimindo o *conatus* obedecem a lei natural de sobrevivência (permanência na existência), determinando a intensidade do *conatus*”. (PONCZECK, 2009, 1ª ed., p.85).

Quando os afetos são produzidos por fatores desconhecidos e externos à própria mente, nos tornamos causa inadequada de nossas ações, enquanto que, quando os afetos são causados pelo conhecimento que a mente adquire a partir de seu corpo, somos causas adequadas do nosso agir. Isto significa que na medida em que o pensamento é associado a afecções relativas a corpos os quais não podemos atuar com autonomia, ou dos quais desconhecemos a causa, a mente terá do mundo que a rodeia um esquema ilusório ou imaginativo. Daí surgirem os ódios, superstições, credices, simpatias, os diversos medos e fobias, além dos preconceitos que geram rancores e ódios que podem levar desde às guerras quanto a um mau aprendizado. (PONCZECK, 2009, 1ª ed., p.85).

Espinosa revoluciona as tradicionais correntes filosóficas e religiosas que defendem a desconexão entre corpo e mente ou entre corpo e alma. Afinal, em sua concepção monista não há dualidades. Esta noção da matéria autoconsciente também está presente na teoria quântica, especialmente na propriedade de onda e na ação quântica à distância.

“Ao associar a essência divina à existência da Natureza, por meio de seus infinitos atributos, elevando as leis naturais e o equilíbrio do universo às esferas do divino, Espinosa cria uma espécie de religião da ciência. Certa vez, o filósofo perguntado

se acreditava em Deus, respondeu: 'Eu não acredito em Deus, eu conheço Deus.' (PONCZECK, 2009, 1ª ed., p.118).

O ser humano quando consciente e pleno conhecedor da realidade à sua volta, torna-se um observador quântico, ou seja, aquele que interfere adequadamente nas ações. O desconhecimento ou a ignorância são origens das causas inadequadas das ações e provocam o caos entre os homens e, entre os homens e a Natureza.

“Se as pessoas comuns realmente soubessem que consciência, e não matéria, é o elo que nos liga uns aos outros e ao mundo, as opiniões delas sobre guerra e paz, poluição ambiental, justiça social, valores religiosos e todas as demais atividades humanas mudariam radicalmente.” (GOSWAMI, 1993, 2ª ed., p.25).

O conhecimento e a consciência por meio da observação quântica, além de tornarem o ser humano causa adequada às suas ações, também permitem sua escolha evolutiva. O caos da separatividade **mente x corpo** dá lugar às escolhas conscientes promovendo harmonia na relação **homem x homem** e **homem x Natureza**. Esta harmonia põe fim à visão antropocêntrica do universo e dirige nossas afecções e nossos afetos rumo a um *conatus* mais criativo.

3.2 Ciência intuitiva

Na segunda parte de *Ética*, especificamente no escólio da Proposição XL, Espinosa afirma que Deus encontra-se na essência da alma humana e que “Todas as ideias que resultam, na alma, das ideias que nela existem adequadas são também adequadas”. (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.160). Estas ideias são formadas a partir do gênero de conhecimento que ele chamou de **ciência intuitiva**: “Este gênero de conhecimento procede da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus para o conhecimento adequado da essência das coisas.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.160). Este gênero difere do **conhecimento pela experiência vaga**, que trata da percepção confusa e mutilada a partir dos sentidos; da **opinião ou imaginação**, que provém daquilo que ouvimos, lemos ou lembramos; e da **Razão**, que vem das noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas.

Para o físico e pensador norte-americano David Bohm, a tentativa de descrever uma partícula atômica em detalhes precisos é irrelevante, pois tem pouco significado:

“Cada visão oferece apenas uma aparência do objeto em algum aspecto. O objeto completo não é percebido com uma única

visão, mas, ao contrário, é tomado apenas implicitamente como uma simples realidade mostrada em todas essas visões.” (BOHM, 1980, 1ª ed., p. 23) .

As experiências cognitivas, as opiniões pessoais e, até mesmo, a Razão espinoseana limitam a verdadeira percepção intuitiva. A mente apreende fragmentos que formam ideias vagas, opiniões, imaginações e conceitos. A tendência de cristalizar estes fragmentos projetando ideias inadequadas é a forma mais comum de formalizar “teorias” atualmente e, as teorias que não são recicladas se transformam em dogmas. Os dogmas conduzem ao determinismo e à dualidade separatista:

“A fragmentação é, na essência, uma confusão ao redor da questão da diferença e da semelhança (ou singularidade), mas a clara percepção dessas categorias é necessária em cada fase da vida. Estar confuso sobre o que é diferente e o que não é significa estar confuso sobre tudo. Logo, não é um mero acidente que a nossa forma fragmentária de pensar está nos levando a todo tipo de crises, sociais, políticas, econômicas, ecológicas, psicológicas etc., no plano individual e na sociedade como um todo.” (BOHM, 1980, 1ª ed., p. 31-32)

Resta saber como acessar esta essência dos atributos de Deus por meio da ciência intuitiva.

“O filósofo John Searte (1994) foi o primeiro a mostrar que, além de conteúdo, os pensamentos também envolvem significado, e isso um computador, sendo uma máquina de processamento de símbolos, nunca poderá processar. Precisamos de uma mente não física para processar significados.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.93)

O simples processamento de símbolos ainda é fragmentário. Os atributos agregam os significados puros dos arquétipos. A partir destes significados pode-se acessar a alma por meio da ciência intuitiva que permite constante renovação de significados, pois ela se conecta com os padrões arquetípicos e não com os conteúdos provindos de opiniões ou imaginações.

“As ideias criativas provém do domínio arquetípico de nossa consciência. Na criatividade, damos um salto quântico, indo da mente para o supramental.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.101). O intelecto supramental é, portanto, um atributo conectado diretamente à inteligência de Deus ou à substância.

A filosofia monista oriental dos Upanishads sustenta que a essência não é revelada à razão: “Não se chega ao Atman pelo estudo, nem através da genialidade ou de muitos livros.”; “O Brahman deve renunciar aos estudos e tornar-se como uma criança. Ele não deve procurar por muitas palavras, pois isto apenas cansa a língua.”(STÖRIG, 1999, 17ª ed., p.27). **Tornar-se como uma criança** significa libertar-se de todo e qualquer padrão, dogma ou conceito restritivo, retornando à pureza da *potentia* da substância.

“Todos se lembram de que foram criativos na infância. Perguntamo-nos como poderíamos ter perdido o senso de encantamento que permeava nossas experiências da infância, acomodando-nos numa vida adulta dominada pelas rotinas mundanas de um mundo mofado.”(GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.106).

O pensamento quântico é possibilitado quando atinge-se o intelecto supramental, ou seja, a fim de atingir possibilidades criativas e reconectar-se diretamente à substância divina ou às ideias adequadas, o pensamento quântico deve ser descontínuo em relação a todos os pensamentos anteriores. Na teoria quântica, este processo é chamado de salto quântico que manifesta outras realidades diferentes das anteriores como os *insights* já mencionados aqui. “Realidade consiste na consciência, tanto em seu aspecto não manifestado (que, na física quântica chamamos de *potentia*, e que os psicólogos rotulam de inconsciente) como no manifestado.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.31). Espinosa, portanto, intuiu o inconsciente e a *potentia* quântica chamando-a de ciência intuitiva.

“O conhecimento absoluto é uma experiência da realidade inteiramente não intelectual, nascida de um estado de consciência não usual que pode ser denominado de meditação ou estado místico.” (CAPRA, 1975, 1ª ed., p.31) . Os templos taoístas originalmente eram utilizados como locais de contemplação e observação. A meditação transcendental consiste no relaxamento máximo da fisiologia humana a fim de atingir-se a atividade cerebral ou mental que permite lacunas ou intervalos entre os pensamentos originados pela mente racional. Este estado que os yogues chamam de **samadhi** pode ser interpretado como a interconexão direta entre a alma humana e a essência divina. “O propósito do sistema de yoga é controlar a mente e afastá-la do apego aos objetos dos sentidos”. (PRABHUPADA, 1995, 1ª ed., .431).

A meditação ou da contemplação aproxima o praticante de outra propriedade quântica: a da **ação quântica à distância** quando ele se torna observador consciente e presente no fenômeno. Em outras palavras, atingimos a essência dos atributos em seus significados puros, sem a interferência das afecções e suas dualidades. “Na medida em que o homem é determinado a agir pelo fato de ter ideias inadequadas, ele sofre [é passivo], isto é, faz alguma coisa que não pode ser percebida só pela sua essência, isto é, que não resulta da sua própria virtude.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.239).

4. A Prática da Virtude

Espinosa define como **bem** ou **mal** “aquilo que nos é útil ou prejudicial à conservação de nosso ser, isto é, o que aumenta ou diminui, favorece ou entrava a nossa potência de agir.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.231). Mas a ação do ser, para Espinosa, deve ser comandada pelas ideias adequadas que constroem o *conatus* do homem equilibrado e voltado para valores que constituem as virtudes espinoseanas.

“O homem enquanto é determinado a fazer alguma coisa pelo fato de ter ideias inadequadas, não se pode dizer absolutamente que age por virtude, mas sim somente enquanto é determinado pelo fato de ter um conhecimento.”(ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.239). Este conhecimento que se encarrega de nos conduzir à **ciência intuitiva** ou ao **intelecto supramental** para que o ser realize na prática toda a sua potência de agir pode ser chamado de auto-conhecimento ou conhecimento de Deus. Na interpretação do professor Leon Ponczek,

“não é o homem que se expressa através de uma linguagem que descreve o seu conhecimento das leis da natureza, mas é esta que se expressa através do homem, quando ele a descreve. Da mesma forma, não é o homem que pensa, mas sim Deus é que pensa através de cada um de seus modos, inclusive a mente humana.”(PONCZEK, 2009, 1ª ed., p.192).

Portanto, o conhecimento de Deus é acessível à alma humana, uma vez que “ a potência do homem, enquanto se explica, pela sua essência atual é uma parte da potência infinita, isto é, da essência de Deus ou seja da Natureza.”(ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.229). A essência divina e a humana compartilham da mesma substância e estão interconectadas pela hierarquia entrelaçada da teoria quântica, ou seja, “nós e aquilo que escolhemos ou pensamos somos cocriações.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p.37). Esta interconexão entre o ser humano – Natureza – Deus também foi explicada pelo biólogo Rupert Sheldrake como **ressonância mórfica**: “padrões semelhantes de atividade ressoam pelo tempo e pelo espaço com padrões subsequentes.”(SHELDRAKE, 2012, 1ª ed., p. 108). Segundo o autor, esta ressonância mórfica é não-local, portanto tem comportamento quântico e manifesta a potência da substância espinoseana.

Para Espinosa, a virtude ou potência é a própria essência ou natureza do homem, que é parte da potência infinita de Deus ou a Natureza. Afinal, o fundamento da filosofia espinoseana é monista.

A alma utiliza-se da Razão ou da mente para projetar seu conhecimento de Deus conforme ideias adequadas, que podemos também chamar de auto-conhecimento. À passividade da alma atribui-se as ideias inadequadas, ou

seja, o caos e a alienação entre o ser humano e Deus ou a Natureza: “As ações da alma nascem apenas das ideias adequadas, as paixões dependem apenas das ideias inadequadas.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p. 179). As paixões ou afecções são contrárias à realização da potência inteligente da alma e a desconecta de Deus ou da Natureza, tornando-a passiva e alienada, causando o caos e a ruptura entre o homem e a Natureza.

Voltando à definição de Espinosa, pode-se concluir que **bem** é a ação da alma enquanto parte da potência de Deus e, **mal**, a passividade da alma que dá lugar à dualidade das paixões ou das afecções.

As Proposições XXXII e XXXIV da Parte IV de *Ética* demonstram a origem dos conflitos e do caos provocado pelo ser humano dominado pelas afecções e pelas paixões: “Na medida em que os homens estão sujeitos às paixões, não se pode dizer que as suas naturezas concordam.” “Na medida em que os homens são dominados pelas afecções, que são paixões, podem ser contrários uns aos outros.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.242-243).

A Razão utilizada pela alma como canal dinâmico para seu conhecimento, ou o conhecimento de Deus, é o método para evitar-se o caos e os conflitos.

“O bem supremo daqueles que seguem a virtude é comum a todos e todos podem igualmente alegrar-se com ele.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.245). Esta proposição pode soar utópica, mas tem uma construção lógica se todos os seres humanos que compartilham a Natureza começarem a praticar as ações adequadas a partir do entendimento percebido da própria alma, ou seja, recuperar a **ciência intuitiva** que irá reestruturar o *conatus* individual. A prática das ações adequadas e a ciência intuitiva independem de religião ou qualquer outro dogma, até mesmo científico. Elas transcendem qualquer dualidade materialista pois partem do **salto quântico** evolutivo - propriedade de onda onde uma partícula muda sua órbita eletrônica sem percorrer nenhum espaço intermediário -, que nada mais é do que o popular *insight* para o intelecto supramental.

4.1 A Alegria

Na terceira parte da sua obra *Ética*, Espinosa discorre sobre a influência das afecções no ser humano. Segundo ele, todas as afecções que se manifestam no corpo físico (alegria, tristeza, admiração, ódio, amor, desprezo etc.) têm origem no desejo, cuja definição é muito próxima à definição do *conatus*: “O desejo é a própria essência do homem (...) enquanto esta é determinada a realizar os atos que servem para a conservação deste.”(ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.211). Portanto, se o ser humano tem conhecimento e consciência disto, ele pode controlar suas afecções ao invés de se tornar submisso a elas. Em outras palavras, estar consciente dos seus desejos é se tornar um observador que, conforme a teoria quântica, altera a realidade por meio de suas escolhas.

De acordo com Espinosa, a alma, quando desenvolve ideias inadequadas, torna-se passiva e confusa e o ser deixa o seu papel de observador quântico para envolver-se no caos das afecções e paixões. Este estado caótico e submisso do ser às afecções é comparável ao *tamas*: terminologia da filosofia hinduísta que significa total condicionamento das ações às afecções ou paixões até obliterar a manifestação intuitiva da alma ou do intelecto supramental. A prática da meditação pode conduzir a outros estados em que a alma manifeste as ideias adequadas e o ser se torne observador consciente a fim de colapsar, ou seja, realizar sua própria realidade. A única afecção produzida pela alma, além da essência de todas que é o desejo, é a alegria, de acordo com Espinosa. A alma em estado de alegria é o bem supremo de Espinosa que intuiu o *samadhi* yogue nas suas definições de alegria e de tristeza:

“II. A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior;
III. A tristeza é a passagem do homem de uma perfeição maior para uma menor.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.212).

O caminho destas passagens rumo à perfeição está na evolução, de acordo com a filosofia hinduísta, do estado *tamas* para *rajas* e, de *rajas* para *sattva*. Utilizando-se a Razão como a definiu Espinosa como gênero de conhecimento, inicia-se o desapego às afecções em *tamas*. O ser humano utiliza sua mente em sua capacidade circunstancial de criatividade e raciocínio contínuo do estado *rajas*. *Rajas* é o gênero de conhecimento que se utiliza para resolver questões comuns como, por exemplo, o que estudar ou como melhorar a vida profissional. Acessar a alegria e o bem supremo é atributo da qualidade *sattva* ou, em outras palavras, o desenvolvimento do gênero da ciência intuitiva.

4.2 A Alegria na Educação

Desenvolver no ser humano a virtude e a perfeição da alegria depende quase exclusivamente da Educação. É por meio dela que estimula-se o Conhecimento disponível na Razão a fim de tornar ciência intuitiva acessível.

“A educação atual é centralizada no trabalho, na qual a preparação para um emprego tornou-se a meta principal e o processamento de significados foi relegado a um papel secundário.” (GOSWAMI, 2010, 1ª ed., p. 188) .Se o mecanicismo atingiu a Educação de tal forma a bloquear a capacidade criativa e a ciência intuitiva do ser humano a ponto de perder seu significado, a prioridade é recuperá-lo por meio do estudo dos novos paradigmas quânticos que unem a ciência e a espiritualidade com o suporte da filosofia monista de Bento de Espinosa. No caso específico da Educação brasileira que está em plena reforma em meio à crise irrompida pela recente Medida Provisória nº 746, faz-se necessária a apresentação de um novo projeto que promova a

criatividade e a **alegria** recuperando o significado no Ensino. A criatividade e a alegria que precisam ser inseridos com urgência no sistema educacional brasileiro devem ser extensivos tanto ao corpo discente quanto ao corpo docente por uma razão muito simples da teoria quântica: a hierarquia entrelaçada que, como já vimos, não estabelece primazia do sujeito sobre o objeto mas conecta-os como partes de um mesmo fenômeno.

“Acredito que educar é a possibilidade de que um indivíduo designado como **educador A** e outro como **educando B** ressoem como modos de ser provisórios da Natureza, como as forças que fizeram o primeiro ressoar, permitirem ao segundo, ressoá-las também.” (PONCZEK, 2009, 1ª ed., p.313).

Esta ressonância harmônica, além de promover a alegria no ambiente educacional, também será responsável pela paz em um ambiente cada vez mais afetado pela violência generalizada:

“Se, pelo contrário, o mestre caminhar à sala, e transmitir o que sabe, com a alegria de saber-se causa de seu próprio conhecimento, de sua caminhada e de sua fala, convidando seus aprendizes a participarem de sua alegria, sem nada querer que não resulte de sua ação, estará dando um passo rumo à sabedoria e à felicidade, ou seja, estará se aproximando da verdadeira Educação. Reciprocamente, o aprendiz que se dirigir ao seu mestre com a vontade de que este o transforme, padecerá das angústias e frustrações decorrentes de estar a sua vontade dirigida a outrem. Mas se, pelo contrário, perceber-se alegremente como causa e matéria-prima de seu próprio aprendizado, convidando o mestre a conhecer seus progressos, saberá evitar as afecções de tristeza, dando também um outro passo convergente rumo à sabedoria.”(PONCZEK, 2009, 1ª ed., p.96) .

Esta nova conduta baseada na hierarquia entrelaçada quântica e na ciência intuitiva espinoseana atinge o intelecto supramental, possibilitando o salto quântico evolutivo de todos os envolvidos no sistema educacional.

“O 3º gênero de conhecimento [a ciência intuitiva] depende da alma, como de sua causa formal, enquanto a própria alma é eterna.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p. 292) . Exercendo este nível de aprendizado, além de estimular a felicidade e a harmonia, opera-se na aproximação da perfeição e da alegria, atributos diretos de Deus ou da Natureza.

4.3 A Alegria na Saúde

Em 1859, o fisiologista francês Claude Bernard notou que todos os sistemas do organismo humano, por mais diferentes que sejam, trabalham juntos a fim de manter o correto funcionamento do corpo como um todo e, conseqüentemente, a vida. Esta capacidade do organismo em manter o funcionamento regular e holístico mesmo diante de alterações ambientais é chamada de **homeostase** (www.significados.com.br). Isto prova que a interconexão e a não localidade quânticas estão presentes em todos os níveis de organização e funcionamento de sistemas que compartilham a substância espinoseana e buscam a harmonia operada dentro das ideias e ações adequadas.

Para que a alegria e o bem supremo se tornem permanentes para o ser humano, a Saúde deve ser priorizada tanto quanto a Educação. O bem-estar e a qualidade de vida unidos à sabedoria permitem a convivência entre os seres humanos e, entre eles e a Natureza em condições de igualdade e de compartilhamento fraterno, sem a necessidade da exploração ou usurpação entre as partes. O desapego às afecções e a sobrevivência são questões resolvidas pela ciência intuitiva: “Quanto maior é o número de coisas que a alma compreende pelo segundo e pelo terceiro gêneros de conhecimento, tanto menos ela sofre por parte das afecções que são más e tanto menos teme a morte.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p. 295). Temer a morte é um estado desorganizado da mente que não compreende a alma, sua conexão com Deus e, conseqüentemente, sua infinitude e intemporalidade. Em outras palavras, a morte pode acontecer apenas com os modos, ou seja, com os corpos físicos e materiais, enquanto que a alma é parte da substância eterna. No entanto, o medo da morte pode advir também da doença, resultado do rompimento da homeostase. A Medicina tradicional é fragmetária. Além de considerar o corpo humano destituído de alma e de propósito, divide-se em tantas especialidades quantas funções existentes no organismo físico. Não é seu objetivo preservar a homeostase, mas remover os sintomas específicos.

A homeostase é relevante para a Medicina preventiva, em especial para a Medicina holística. Ela considera a existência dos corpos sutis energéticos que interagem com o corpo físico. A Homeopatia Clássica e a Medicina Ayurvédica são exemplos da Medicina holística que, atuando em conjunto com a Medicina Alopática (tradicional), podem contribuir para evitar grande parte das doenças que conduzem indivíduos para uma medicina invasiva, quando não os deixa em filas de espera durante horas sem o menor conforto ou respeito para com o ser.

Disponibilizando os conhecimentos da teoria quântica com os ensinamentos sistematizados por Espinosa e desenvolvendo a ciência intuitiva nos estudantes de todos os níveis de aprendizado e providenciando a medicina preventiva como mantenedora da homeostase, atinge-se o propósito da famosa citação latina do poeta romano Juvenal: “*mens sana in corpore sano*” .

5. Considerações Finais

O século XXI pode ser historicamente o momento da “grande virada” da Humanidade. As diversas crises (econômica, ecológica etc), a falta de recursos energéticos, o problema crescente da escassez de água potável serão comprometedores para a sobrevivência do ser humano num futuro não muito distante. As mudanças não podem ser superficiais, mas deverão atingir os valores e remover conceitos deterministas arraigados em cada ser humano. O preconceito contra imigrantes na Europa, por exemplo, além de hediondo é inútil, pois a imigração não terá fim. Ela é consequência das crises supracitadas e de guerras, mas que deveria ceder à ideia de que fazemos parte de um Todo, de uma mesma substância ou de Deus. No entanto, entender Deus sob a ótica das mais diversas religiões só irá promover mais separatividade diante da visão dogmática da fé. Sob o ponto de vista monista de Espinosa e das propriedades quânticas, pode-se explicar Deus como a substância que permeia todo o Universo e que nos torna todos iguais e interconectados. Não apenas os seres humanos, mas todas as criaturas da Natureza que compartilham a mesma importância dentro da hierarquia entrelaçada, independente de sua função ou tamanho. A extinção de quatro espécies de abelhas naturais do arquipélago havaiano, por exemplo, compromete o cultivo de grande parte dos alimentos, pois são fundamentais para o processo de polinização. A capacidade de compreender e perceber a interconexão, seja com um refugiado sírio, seja com uma abelha, significa amor no entendimento de Espinosa:

“Deus ama-se a si mesmo com um amor intelectual infinito. O amor intelectual da alma relativamente a Deus é o mesmo amor de Deus, com que ele se ama a si mesmo, não enquanto é infinito, mas enquanto pode explicar-se pela essência da alma humana, considerada do ponto de vista da eternidade, isto é, o amor intelectual da alma relativamente a Deus é parte do amor infinito com que Deus se ama a si mesmo.” (ESPINOSA, 1991, 5ª ed., p.294) .

Pode-se concluir que o amor espinoseano não é um sentimento ou afecção, mas um entendimento alcançado pela ciência intuitiva ou o intelecto supramental. Este amor transcende qualquer religião e seus dogmas separatistas. As leis e punições religiosas tornam-se obsoletas uma vez que Deus torna-se entendimento para o intelecto supramental e não uma entidade desconectada, superior e punitiva.

As ciências também se aproximam da espiritualidade mediante o paradigma quântico, pois o mecanicismo também torna-se obsoleto enquanto método que explica e define a Natureza. O salto quântico eletrônico, o comportamento de ondas, a incerteza e a atuação do observador que pode escolher o resultado da experiência ainda intrigam os cientistas céticos ou materialistas. No entanto, a maioria dos cientistas e pensadores citados neste trabalho compreendem que o comportamento do *quantum* está intimamente

ligado à filosofia taoísta e hermética, como se os antigos já entendessem a matéria sutil do universo como a alma humana ou como o deus criador Brahman. A partir da recuperação destas filosofias, pode-se estudar sem preconceitos conhecimentos antigos como a Alquimia e a Astrologia que oferecem sistemas de auto-conhecimento e auto-cura levando-se em conta sua aproximação com os paradigmas quânticos.

A Humanidade tem um caminho extenso e árduo pela frente para conquistar o bem supremo da alegria, viver em paz, sem discriminação, sem fronteiras em perfeito amor com Deus, ou seja, com a Natureza. As resistências daqueles que detêm o poder político, econômico e religioso podem ser implacáveis por um tempo. Entretanto, aos poucos as evidências aqui apresentadas e a iminência da destruição, fome e doenças podem ser os fatores impulsionadores dos novos paradigmas e da vida em harmonia na Terra.

6. Bibliografia

BOHM, David. **Totalidade e a Ordem Implicada**. São Paulo: Madras, 1980.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física**: Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. São Paulo: Cultrix, 1975.

ESPINOSA, Bento de. **Ética**: Demonstrada à Maneira dos Geômetras. 5ª Edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

GOSWAMI, Amit. **O Universo Autoconsciente**: Como a Consciência Cria o Mundo Material. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 1993.

GOSWAMI, Amit. **O Ativista Quântico**: Princípios da Física Quântica para Mudar o Mundo e a Nós Mesmos. São Paulo: Aleph, 2010.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 1971.

PONCZEK, Roberto Leon. **Deus Ou Seja A Natureza**: Spinoza e os Novos Paradigmas da Física. Salvador: EDUFBA, 2009.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. **Bhagavad-Gita**: Como Ele É. 2ª edição. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 1995.

SHELDRAKE, Rupert. **Ciência Sem Dogmas**: A Nova Revolução Científica e o Fim do Paradigma Materialista. São Paulo: Cultrix, 2012.

STÖRIG, Hans Joachim. **História Geral da Filosofia**. 17ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.